MODERNIDADE: UM FATOR CAUSAL NA DEPRESSÃO NOS DIAS ATUAIS

Saulo Henrique Dantas[1]

RESUMO: O presente artigo tem como propósito mostrar como a sintomatologia depressiva tem sido cada vez mais frequente nos dias atuais, e isto por conta da modernidade, um grande fator causal para esta problemática. Com a chegada das grandes tecnologias as pessoas ficaram cada vez mais individualistas, as relações cada vez mais frágeis e consequentemente isso vem gerando um sofrimento, que por muitas vezes, resulta em patologias depressivas. Este trabalho faz uma análise a partir de estudos no âmbito da modernidade, bem como da depressão, trabalhando-as concomitantemente para que se possa chegar no que se é esperado: mostrar como essa relação se faz presente nos dias atuais.

Palavras-Chave: Depressão; Modernidade; Atualidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo mostrar como a liquidez na contemporaneidade tem refletido na depressão, mas, para isso, é preciso refletir sobre o conceito de líquido a partir da obra de Zygmunt Bauman. Pode parecer tarefa simples, em um primeiro momento. Entretanto, a complexidade de todos os aspectos sobrepostos na noção de liquidez torna a compreensão deste conceito trabalhoso. Tal expressão sofreu adequações ao longo de sua obra, inclusive, recebendo sinônimos e/ou complementos que revelam novas reflexões do autor ou, simplesmente, podemos supor, um recurso usado por ele para facilitar o entendimento por parte do leitor. Porém, a noção de fluidez foi mantida como característica central do conceito ao longo de seu pensamento.

Nos escritos de Bauman, há uma tentativa em fazer com que o leitor capte a instabilidade do contexto que vai sendo delineado. O uso do termo “líquido” e seus derivados tende a tornar acessível essa percepção de algo essencialmente transitório, efêmero e volúvel. Nas palavras do autor:

> A passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida" - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007/2007, p. 7).

[1] Faculdade Pio Décimo. E-mail: saulohenrique7@gmail.com.

Em nossa era, a premissa de que tudo que é sólido desmancha no ar vem despojada de ilusões, a partir de um desenvolvimento desenfreado, na busca pelo acúmulo de riquezas e desregulamentação da vida e das instituições, que colocam em questão a crença de que a modernidade esteja pautada unicamente pela certeza e estabilidade. Para Bauman, na modernidade em sua versão líquida, tudo é volátil, as relações humanas e a vida em conjunto (como as relações familiares, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas e assim por diante) perdem consistência e estabilidade.

De forma sintética, para o autor, quatro marcos se destacam neste processo de configuração do contexto líquido-moderno: a separação entre o poder e a política, visível na supervalorização do indivíduo em detrimento ao Estado; enfraquecimento da ideia de comunidade; o fracasso do planejamento a longo prazo e a queda de instituições norteadoras e responsabilização individual pelo fracasso ou sucesso da vida pessoal. Essa transição do sólido para o líquido pressupõe acontecimentos que se materializaram na modernidade e se radicalizaram no momento contemporâneo.

As questões levantadas pelo autor parecem recair, grosso modo, sobre aspectos de insegurança e indeterminação, evidenciando a carência de certezas e previsibilidade. No que diz respeito à ordem, toda essa instabilidade tende a refletir no modo de vida das pessoas, aparentemente cada vez mais pautado em valores efêmeros. Nas palavras de Bauman "as rotinas antigas e aparentemente eternas começaram a se desintegrar; os hábitos antigos e convenções começaram a mostrar sua idade e os rituais, sua debilidade" (2007, p. 100).

Poderíamos dizer que, na modernidade líquida o homem transita de seu estado de agente passivo para agente ativo. A sociedade sólida mostrava-se, de certa forma, impregnada de certo totalitarismo, na medida em que se apresentava rígida. Assim, "derreter os sólidos significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações 'irrelevantes'" (BAUMAN, 2000/2001, p. 10).

Ressalta ainda o autor, que o modo de vida produzido pela sociedade líquidomoderna desvencilha-se dos tradicionais mecanismos de ordem social, de uma maneira sem precedente. O contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas. Sucumbe-se ao tempo da indefinição, do medo e da insegurança (BAUMAN, 2006/2008a).

Nesse sentido, o estudo acerca do papel da ordem e sua passagem para a sensação de efemeridade é fundamental para compreender os efeitos subjetivos que o diagnóstico realizado por Bauman nos apresenta, para só depois tentar compreender como esses aspectos têm influenciado na depressão.

1 BUSCA DA ORDEM

Para o sociólogo polonês, "ordem significa, monotonia, regularidade, repetição e previsibilidade; dizemos que uma situação está em ordem" (2000/2001, p. 66). A noção de sólido definida pelo autor aponta que a solidez de uma sociedade molda-se em torno de um imperativo categórico de cada época histórica tendo uma íntima ligação entre tempo e espaço. Desta forma, o termo "sólido" soa como algo rígido, duradouro e previsível em suas formas e possibilidades, em muitos de seus aspectos, como as dimensões econômica, social e política.

O autor postula que derreter sólidos está intimamente relacionado com a possibilidade de operar livremente com a racionalidade, ou seja, libertar-se dos grilhões de sociedade clássica alicerçada nas tradições, crenças e instituições que determinassem padrões rígidos de conduta e pensamento. Assim, a modernidade significa o fim da crença, em uma ordem revelada e mantida por Deus, sendo que a evolução humana encontra-se no mundo por conta própria e sem amarras. Conforme afirma:

> Se o "espírito" era "moderno", ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da "mão morta" de sua própria história - e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez, pela "profanação do sagrado": pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da "tradição" – isto é, o sedimento do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à "liquefação" (BAUMAN, 2000/2001, p. 9).

Porém, ao realizar essa operação, o homem moderno passa a estar sozinho na construção de sua própria vida e da configuração do mundo a sua volta. Para além desse ponto, o derretimento de sólidos relaciona-se com a aplicação da racionalidade na vida cotidiana de forma a potencializar efeitos positivos em prol de possíveis consequências indesejadas. Ao colocar esse projeto em funcionamento, o homem defronta-se com uma realidade que se mostra sem a planificação social que as instituições tradicionais de certa forma garantiam. "Por isso mesmo essa forma de 'derreter os sólidos' deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar – nu, desprotegido, desarmado e exposto, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade" (BAUMAN, 2000/2001, p.10).

Percebe-se que a fase denominada pelo autor como fase sólida da modernidade é regida por uma racionalidade onde a técnica pautada no conhecimento científico tinha como

objetivo planejar a vida de forma a estabelecer algum nível de segurança subjetiva aos indivíduos em, face a um futuro não-determinado. Como afirma Silva (2012, p. 28):

> A grande mudança observada na sociedade líquido-moderna é a configuração de um tempo onde o que está em primeiro plano não é a segurança de um mundo ordenado, mas sim, ambivalência derivada tanto da multiplicidade de cálculos quanto da escolha de quais variáveis devem ser consideradas para a execução de tal operação.

Porém, talvez o ponto mais importante seja que a ilusão de construir uma nova ordem está pautada em configurações e ações individualizadas. O autor afirma que "os sólidos que [...] estão derretendo neste momento da modernidade fluída, são elos que entrelaçam as escolhas individuais" (BAUMAN, 2000/2001, p.12). Dessa forma, a responsabilidade sobre a construção e execução das políticas da vida, seu sucesso e fracasso passam a ser de cada um. Trata-se do que Bauman (2013/2014) chama de "faça você mesmo", traço que deixará impactos para o campo político.

Esse processo inicia-se no que o autor chamou de segunda parte da "Revolução Gerencial", na qual a receita descoberta pelos gerentes é a de transferir para os gerenciados as tarefas. Um exemplo disso pode ser visto em modelos de negócios aos quais os clientes pagam pelo privilégio de montar o seu próprio produto. Ou ainda, os caixas eletrônicos, que possibilitam que os serviços operacionais bancários sejam realizados por clientes ou na ampliação de máquinas espalhadas pelas ruas que trocam notas e moedas por livros, bebidas, comidas entre outros gêneros de "necessidades" essenciais do ser humano, funcionando como verdadeiros centros de distribuição a partir de um novo conceito portátil.

Desde pequenos exemplos como estes até a responsabilidade pela vida em si, na sociedade capitalista contemporânea, o indivíduo é convocado a se tornar um consumidor e gerador de sua própria renda, sendo cada vez mais responsabilizado por sua formação e sucesso. Somado à dinamização da produção e do consumo, Bauman descreve que os indivíduos isoladamente são comumente convocados a solucionar problemas socialmente gerados, ou seja, resolver questões que ultrapassam sua esfera de resolução. Nesse contexto, sem os conhecimentos, habilidades ou recursos necessários para resolução de problemas que só poderiam ser resolvidos coletivamente, em atividades envolvendo grupos de pessoas organizadas para esse fim, retroalimenta-se o contexto de sensação de solidão amplamente disseminado pela contemporaneidade.

Essa esfera focada no indivíduo característico da sociedade líquido-moderna retira das agências institucionais qualquer esperança de viabilidade e potência de construir e de fazer

existir entre nós tudo o que é necessário e o que traz sentido e luz aos homens. O autor coloca que a dificuldade que fragiliza a esperança encontra-se no "divórcio entre o poder que faz as coisas serem feitas e o poder capaz de garantir que sejam feitas as coisas certas" (BAUMAN, 2013/2014, p. 134). Esse segundo poder, para o autor, é a política.

Inicialmente, é importante apontar que a nova ordem social provocou uma divisão entre a vida individual e a vida política, o que é um dos efeitos da desregulamentação social expressa, por exemplo, na expansão dos mercados em atuação global, e, em nível local, a construção e manutenção dos espaços públicos como lugares de passagens, o que tem como desdobramento a desarticulação do sentido de coletividade.

Assim, observa-se que a execução do projeto de modernidade permitiu e incentivou a saída dos indivíduos de um campo público, o que, por sua vez, impossibilitou o processo de construção de uma ordem política que potencializasse uma emancipação coletiva.

O indivíduo passou a ser tomado como agente individual na tarefa de atribuição de sentido à vida. E estaria aí, segundo Bauman (1999/2000, p. 42), "a condição para avaliar a própria chance de transcendência de outro modo negada, a garantia de uma vida com sentido e gratificante, em vez de uma vida vazia e sem sentido".

Essa privatização dos recursos pessoais e emancipação da capacidade individual em lidar com nossa própria insegurança existencial não pressupõe um caminho que interligue a problemática pessoal àquelas de origem e soluções comuns. Neste caso, a única forma de comunhão entre essas duas esferas seria criar uma "aparência de causa comum em sentido mais forte", o que significa desenvolver "a percepção da causa em questão como relativa ao bem-estar público" (BAUMAN, 1999/2000, pp. 54-55).

Tal processo ocorre de forma bastante artificial, sendo hegemônica a ausência dos indivíduos do campo público, fechando-se na dimensão privada, gerando o que Francisco Ortega (2004) chama de tirania da intimidade. Dessa forma, o que vemos, ao invés de uma mudança de esfera de ação, é a sobreposição de ambas as esferas – pública e privada – de forma a questões públicas serem tratadas como problemas privadas – individualização – e questões privadas serem debatidas em espaço público – espetacularização.

Nesse sentido, as reivindicações na esfera pública são expressões de questões privadas, não sendo tomado o que é comum como foco de discussão. Somado a tal ponto, Bauman (1999/2000, p. 23) afirma que "em algum momento, a amizade e a solidariedade, que eram os principais materiais de construção comunitária, se tornaram muito frágeis, em ruínas ou muito débeis", o que serve de base para dificuldade de construção de relacionamentos.

Atreladas à força do mercado, estes acabaram sendo minados da potencialidade de atuação no mundo em prol de um mundo melhor de se vivido.

A partir disso, observa-se que se perde o próprio sentido do que é político, campo que Bauman (2002/2008b, p.76) define como sendo a crítica contínua da realidade, "um mecanismo de troca, não de preservação ou conservação". A característica de criticidade da ação política, direcionada às mudanças para o bem comum levaria, por consequência, a maior autonomia dos agentes sociais. Assim, o desenvolvimento dos indivíduos passa necessariamente pelo desenvolvimento da sociedade como um todo, o que nos aponta para uma condição de reciprocidade, traço que no contexto líquido moderno parece permanecer em estado de esquecimento. Como bem afirma Bauman (2000/2001, p. 12):

> O "derretimento dos sólidos", traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.

Em síntese, a formação da sociedade líquido-moderna permitiu a instituição de uma nova ordem pautada na lógica de custo-benefício, imperativo de movimento social e fragilização vincular, elementos que geraram efeitos no campo político. Veremos, a seguir, de que forma essa questão atrela-se à problemática da vivência da ausência de certezas.

2 INCERTEZAS

Conforme foi discutido na seção anterior:

> A modernidade nasceu sob o signo dessa ordem: da ordem vista como tarefa sujeita ao desejo racional e à supervisão constante e sobre todas as coisas, a uma administração exigente. A modernidade se empenhou tanto a própria tarefa de fazer do mundo algo administrável como administrá-lo tão zelosamente [...]. A modernidade se propôs a eliminação do acidental e do contingente (BAUMAN, 2002/2008b, p. 40-41).

No contexto da sociedade líquido-moderna, porém, a busca pela estabilidade retroalimenta a versão perversa das inconstâncias presentes na vida cotidiana, sendo que a ilusão mantida na modernidade é de que o progresso de vida está pautado pela ausência de perturbações. Vende-se uma ideia de busca de previsibilidade, a partir da qual as atividades

humanas assumem um lugar de possibilidade de distanciar-se das insatisfações e incertezas.

Em contrapartida, é importante ressaltar que:

> A incerteza é o habitat natural da vida humana, ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar das incertezas é o elemento fundamental mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quais quer imagem compostas da felicidade. E por isso que a felicidade genuína e adequada e total sempre parece residir em algum lugar à frente. Tal como o horizonte, que recua quando se tentar chegar perto dele (BAUMAN, 2008/2009, p. 37).

Os indivíduos agem no intuito de atender as demanda de trabalho das instituições empresariais em detrimento de calcar desenvolvimento individual, prospectando uma segurança financeira na forma de um consumismo exacerbado, conferindo a sensação de leveza e rapidez que o mundo moderno pede. Assumem-se assim novas formas vinculares:

> Como os compromissos de hoje são obstáculos para as oportunidades de amanhã, quanto mais leves e superficiais eles forem, menor o risco de prejuízo. “Agora” é a palavra-chave da estratégia de vida, ao que quer que essa estratégia se aplique e independente do que mais possa sugerir. Num mundo inseguro e imprevisível, o viajante esperto fará o possível para imitar os felizes herdeiros da elite global que viajam leves; e não derramarão muitas lágrimas ao se livrar de qualquer coisa que atrapalhe os movimentos (BAUMAN, 2000/2001, p. 187).

Veem-se consumidores ávidos na busca de mercadorias/objetos que conferiram um estatuto de diferenciação em relação ao outro. Nesse sentido, o consumo torna-se estratégia de individuação. Assim, temos a constituição de um ser movido por um desejo de consumir, almejando ter um lugar, uma identidade. Bauman define desejo na era da liquidez como “a vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e dirigir, aniquilar. O desejo não precisa ser instigado por nada mais do que a presença da alteridade. Essa presença é desde sempre uma afronta e humilhação” (2003/2004, p. 23).

A possibilidade de manter uma identidade, num mundo onde as coisas são instáveis, é uma tarefa quase impossível, uma heresia. O autor descreve que a construção e adoção de diferentes identidades possui o estatuto de obra de arte, uma imagem que temos em nossas mente acerca de nós mesmos. Partimos dessa idealização incessante com objetivo de solidificá-la, ficamos dependentes de imagens que são vendidas pelos meios eletrônicos, como forma de desejar vivenciar e experimentar uma vida irreal. A estabilidade a qual buscamos, permanece apenas no plano das fantasias, como propõe Bauman (2000/2001) ao afirmar que:

> A identidade experimentada, vivida só pode se manter unida com adesivo da fantasia, talvez o sonhar acordado; [...] Em vista da instabilidade intrínseca a quase todas as identidades a capacidade de “iras compras” nos supermercados das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente de selecionar a própria

> identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias da identidade (p. 98).

Nesse sentido, na contemporaneidade, a visão que o indivíduo possui de si nasce da relação com o contexto de mudança que o impele a permanecer em intenso movimento. A ideia de identidade forja, por um lado, um lugar de segurança do indivíduo da mesma forma em que, por um lado, coloca novas questões de enfrentamento e por outro, mostra-se como insuficiente para o enfrentamento das questões que nosso contexto social apresenta (SILVA, 2012).

A instabilidade da vida também pode ser vista na dimensão identitária, devido ao fato de que não há mais para o homem identidade aglutinadora que o sintetiza e organiza. Isso possibilita a Bauman (2004/2005) apontar que a identidade não possui mais a solidez de uma rocha, sendo negociável e revogável: as identidades flutuam no ar. Assim, ao invés da busca de uma forma estável de ser, no mundo contemporâneo, torna-se importante a capacidade de mudar de identidade de acordo com a necessidade e contexto de vida.

A identidade é uma tarefa a ser realizada por toda vida, uma bricolagem que acontece de acordo com os elementos que possui nas mãos, algo a ser inventado. Assim, não se trata de uma busca ao íntimo do ser, mas sim, a exteriorização de formas e modos de vida. Afirma o autor que, resumindo, "'identificar-se com...' significa dar abrigo a um destino desconhecido que não pode influenciar, muito menos controlar. Assim, talvez seja mais prudente portar identidades [...] como um manto leve e pronto a ser despido a qualquer momento" (BAUMAN, 2004/2005, pp. 36-37).

O problema é que tal processo estará atravessado por valores de uma sociedade marcada pelo consumo, na qual o trabalho e aquisição de bens são vistos e experienciados com dependência. Nesse sentido, se é o que se tem. Isso é sustentado, por exemplo, pelos meios de comunicação que criam um mundo de imagens voláteis, em que o modo de vida que sobressai é a individualização, que tem uma íntima ligação com a incerteza e segurança. Dessa forma, a vida na sociedade líquida configura-se como sendo cheia de armadilhas, que possui, com um desdobramento, o medo.

Esse fenômeno surge como um dos mais importantes elementos na contemporaneidade, na qual novas configurações e práticas sociais da vida cotidiana passam a ser geridas e alimentadas pela sensação de angústia, o que faz com que as incertezas firmem-se como agente principal de uma epopeia trágica da vida moderna. (BAUMAN, 2007/2007).

O medo se materializa nos estranhos, sendo que Bauman discute a questão em diversos momentos de sua obra (1991/1999; 2003/2004; 2007/2007; 2006/2008a). O autor

aponta que o estranho é aquele que foge a qualquer tipo de definição, adequação, cálculo ou previsibilidade.

> O estranho perturba a ressonância entre distância física e psíquica: ele está fisicamente próximo, mas permanece espiritualmente distante. Ele traz para o círculo íntimo da proximidade o tipo de diferença e alteridade que são previstas e toleradas apenas a distância — onde podem ser desprezadas como irrelevantes ou repelidas como hostis. O estranho representa uma "síntese" incongruente e, portanto, ressentida "da proximidade e da distância" (1991/1999, p.69, grifo do autor).

Por essa razão, as relações sociais acabam por se fundamentar em um clima de tensão mediada pelo perigo que é o encontro com o outro. Assim, a construção de estratégias de vida que possam modular uma distância segura em relação aos estranhos torna-se uma tarefa continuada. De modo geral, podemos sintetizar que o resultado do processo será a fragilização dos laços através de uma posição de medo à diferença.

A prática de evitar os estranhos pode ser vista, por exemplo, no que Bauman (2001/2003) chama de comunitarismo. Segundo o autor, esse tipo de vinculação pauta-se pela formação de laços pela identidade, ou seja, pela adesão a um modelo imagético de ligação entre os indivíduos que sugere algum nível de segurança. Em contrapartida, cada um precisa ser fiel ao espírito do grupo de forma a manter afastado aqueles que diferem, promovendo a prática de certo impulso à evitação.

É a ascensão do mundo das tribos ou das “comunidades de similares” que funcionam como uma espécie de apólice de seguros contra diferentes. Como aponta Bauman (2008/2010, p. 101), se trata “de um sinal de retirada, não somente com respeito à outredade exterior, senão também com respeito ao compromisso com a interação interior” (grifo do autor). Assim, a formação de grupos/comunidade a partir da defesa de tipos de características aleatórias ao mesmo tempo em que oferece algum alívio ao sentimento de incerteza, também cobra o seu preço. “Comunidades assim construídas viram expedientes que objetivam principalmente a perpetuação da divisão, da separação e do isolamento” (BAUMAN, 2001/2003, p. 127).

Os perigos que nos rondam não deveriam nos afligir de forma tão intensa já que, conforme proposto pelos sábios iluministas, a era moderna em sua relação com o desenvolvimento da razão e o progresso do mundo da vida nos levaria a um tempo de segurança. Contudo o autor afirma que: “Nossa vida está longe de ser livre de medo, e o ambiente líquido-moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças. A vida inteira é agora uma longa luta e provavelmente impossível de vencer” (BAUMAN, 2006/2008a, p. 15).

A manutenção e produção das incertezas é uma das formas contemporâneas de controle social no qual não se tem um alvo aparente. As incertezas de hoje possuem íntima relação com a geração de novos medos, ansiedades, angústias que são vivenciados e sofridos individualmente. Em tempos líquidos, os medos aumentam o desejo que acaba por ter nos atos de consumo a sua forma hegemônica de resolução. Isso nos leva a outra questão: a insatisfação.

3 INSATISFAÇÃO

Conforme Bauman (2008/2009) aponta, não há relação direta entre o aumento da riqueza e a felicidade. O que poderá ser observado ao longo dessa seção é que a insatisfação é um traço fundamental para o funcionamento de uma lógica societária pautada pela descartabilidade e consumo, que possui no indivíduo livre e desejante o seu fundamento.

Um discurso corrente na contemporaneidade - e que funciona como uma espécie de fantasma que ronda a existência humana - aponta para o fato de que se o indivíduo trabalhar mais, e conseguir uma remuneração mais alta ou satisfatória, poderia atingir ou, ao mesmo, aumentar a sensação de felicidade ou uma promessa de uma vida feliz. Sendo assim, o ato de trabalhar parece não estar mais relacionado com uma moral do trabalho (como observado, por exemplo, nos tempos sólidos – vide BAUMAN, 2000/2001), mas sim, com fim único: consumir. O desdobramento do consumo como sinônimo de felicidade faz com que o mercado se aproprie dessa lógica e a utilize como estratégia para manter-se em funcionamento. O desejo assim é capturado e direcionado para práticas que colocam em segundo plano outras formas relacionais que ultrapassem a dimensão da obtenção de novos objetos. O que temos aqui é a constituição de um indivíduo que consome, não mais pela necessidade própria da vida, mas sim, seu inverso, no qual o consumo é tomado como sentido da própria vida.

> [...] Em um mundo de consumo, o indivíduo busca a satisfação imediata e continuada, afastando-se de qualquer sinal de mal-estar. Esse processo, por sua vez, é calculado sob a égide do custo-benefício, ampliado para todas as relações estabelecidas, o que inclui tanto os objetos disponíveis nos centros de compras como também outros indivíduos (SILVA; CARVALHO, 2013, p. 21-22).

Para a manutenção de tal engrenagem, será necessário que todas as dimensões da realidade humana sejam engolidas por este parâmetro. Assim, as relações interpessoais também estarão pautadas no consumo. Em tempos líquidos, ninguém deixa de ser objeto de

consumo a ser descartado. Como aponta o autor, na era líquida somos produtos e produtores que colocam em movimento o sentido de permanecer vivo no ato de consumir. A partir disso, podemos nos perguntar como estamos lidando com a insatisfação do desejo e que tipo de ética serve de base para uso dos prazeres nesse contexto.

Na sociedade de consumo, a sedução gira em torno do desejo, que é irrealizável totalmente, gerando satisfação volátil e crenças em que as ações individuais estão pautadas em consumir como meio de aplacar, algo que não foi preenchido, gerando uma dimensão insatisfatória. O mercado consumista tem como alvo o consumidor como mola propulsora que retroalimenta a insatisfação oriunda de impulso do desejo de consumir.

> A captura do desejo passa pela sedução à imagem: se o desejo está para além do objeto, na sociedade de consumo, o que está à venda é mais do que uma coisa, mas sim, uma totalidade que comporta uma forma de viver, a esperança de um dia melhor ou simplesmente, a possibilidade de uma satisfação instantânea e fugidia (SILVA, 2012, p. 59).

No entanto, na esperança de saciar a sede de certeza e segurança, os indivíduos se dirigem aos templos do consumo. Esse ponto é crucial nas análises realizadas por Bauman (2007/2008c) ao apontar que a sociedade de consumidores talvez tenha sido o único modelo cultural até o momento que tenha prometido a felicidade no campo terreno, no aqui e agora, de forma instantânea e perpétua. Assim, qualquer espécie ou sinal de infelicidade é recusada, sendo julgada como enquanto desvio ou fracasso no modo de vida.

O autor, então, critica essa concepção ao afirmar que "cerca da metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem pode ser adquirida em lojas. Qualquer que seja sua condição em matéria de dinheiro e crédito você não vai encontrar num shopping o amor e a amizade" (2008/2009, p. 12).

Por essa razão:

> Um dos efeitos de manter a busca da felicidade atrelada ao consumo de mercadorias é tornar essa busca interminável e a felicidade sempre inalcançada. Se não se pode chegar a um estado de felicidade duradouro, então a solução é continuar comprando, com a esperança de que a próxima linha de produtos super fáceis de usar ou a nova tendência outono-inverno redima os incansáveis buscadores de felicidade. (FRAGOSO, 2011, p. 112).

No entanto, existem os bens monetários e bens que o dinheiro não é capaz de comprar, como as relações íntimas e intensas. Nesse sentido, mais do que bens de consumo, a felicidade para Bauman (2008/2009) está intimamente relacionada com o que autor chama de "prazer dos prazeres" derivados das relações densas entre as pessoas. Em outras palavras,

trata-se de um tipo de vínculo que potencializa diferentes tipos de satisfação que ultrapassam a efemeridade e descartabilidade dos objetos de consumo. Como explicam Silva e Carvalho (2014, p. 15),

> Os laços densos se caracterizam por serem construídos lentamente e mantidos a partir de uma lógica de tempo que ultrapassa o caráter instantâneo. Por essa razão, tornam-se capazes de ultrapassar a demanda de satisfação imediata, o que potencializa prazeres a serem alcançados em longo prazo.

Mas, para tanto, é necessário realizar um enfrentamento quanto às incertezas relativas aos laços sociais. Não podemos esquecer, conforme o autor indica, que os laços são uma mistura de benção e maldição. Benção porque é realmente muito prazeroso, muito satisfatório ter outro parceiro em quem confiar ou fazer algo por ele ou ela [...]. Por outro lado, há uma maldição, pois quando você entra no laço você espera ficar lá para sempre [...]. E o que isso significa? Significa que você empenha o seu futuro (BAUMAN, 2011).

Claro que se trata de uma forma de resistir a um modo de vida que preza pelo gozo imediato. As relações humanas, por serem ambivalentes, implicam em algum nível de incerteza e insatisfação. Em virtude da contemporaneidade ter invertido a polaridade da relação tempo/densidade-satisfação – menos tempo/densidade é igual à maior satisfação – o que observamos como algo corrente é o fenômeno do isolamento e/ou fragilização vincular em prol de maior potencialização da satisfação momentânea e imediata.

Nesse sentido, a vida solitária de tais indivíduos pode ser alegre. Provavelmente atarefada, sendo preenchida por diferentes atividades sejam elas relacionadas às formas de trabalho ou diversão. Mas também, por outro lado, a vida tende a ser mais arriscada e assustadora. Os vínculos humanos, confortavelmente frouxos, e, por isso mesmo, terrivelmente precários, não favorecem o conforto derivado da prática da solidariedade como os benefícios – ainda que a posteriori - de ações virtuosas ou morais.

Retoma-se, assim, a necessidade de retrair-se e investir em si mesmo como forma de sobrevivência no mundo competitivo colocado em marcha no contexto contemporâneo. Algo diferente disso pode recorrer em fracasso pessoal, falta de habilidades instrumentais ou mesmo incompetência moral. Observa-se, portanto, uma mudança valorativa que coloca em questão o sentido de viver em sociedade.

4 DEPRESSÃO E SEU CONTEXTO NA MODERNIDADE

As depressões e suas variadas formas e classificações ocupam lugar de destaque nos dias de hoje. Devido ao aumento de diagnósticos referentes a esses estados afetivos, tornou-se

comum ouvirmos sempre que alguém sofre desse “mal do século”, como o denominam alguns autores. Desta forma, a questão é emergencial, como nos mostra a prática clínica cotidiana, levando-se em consideração que o termo “depressão” tornou-se um verdadeiro jargão para identificar e rotular as mais variadas formas de “mal-estar” na atualidade. A depressão tornou-se um dos mitos em saúde mental na contemporaneidade. Estatísticas de levantamentos realizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2009) revelam-na como uma das principais causas para afastamento do trabalho, incapacitando os indivíduos de realizar seus afazeres profissionais, bem como de vivenciar sua existência nas dimensões sociais e coletivas, isto devido à introspecção e ao isolamento que tais estados afetivos implicam. A OMS (2009) define depressão como um “transtorno mental” comum, na medida em que afeta 121 milhões de pessoas em todo o mundo. Contudo, até mesmo por conta de levantamentos e apresentações estatísticas como essas, o problema das depressões na contemporaneidade chama a atenção principalmente por conta da dimensão dos delineamentos e das formas, por vezes caricaturais, que tal problemática assume na atualidade.

Bauman trabalha com a ideia de modernidade líquida ao se referir às mudanças rápidas e constantes de diversos aspectos da vida social. Para esse autor, as relações humanas obedecem a mesma lógica do consumismo, em que se prevalece o desapego, a versatilidade em meio à incerteza e a ordem constante de um “eterno recomeço”. Nessa nova organização social, as pessoas se tornam promotores de mercadorias e também as próprias mercadorias. Os relacionamentos nos dias de hoje não visam à durabilidade e o compromisso. Ao se evitar o comprometimento com o outro se deixa em aberto as possibilidades e dessa forma é possível obter o visado prazer imediato e livre de consequências. Não se faz mais necessário conhecer a outra pessoa, saber sobre sua história pessoal, bem como sua profissão e seus planos. Tudo isso se tornou desnecessário e até mesmo algo a ser verdadeiramente evitado. “Em uma modalidade de relacionamentos cuja prioridade é vivenciá-los instantaneamente e sem consequências, saber algo sobre o outro é uma ameaça à liberdade individual” (TAVARES, 2010, p. 51). Demonstrar intenção de aprofundar laços afetivos, na verdade, passou a ser motivo de certa vergonha diante da sociedade consumista que incita relacionamentos supérfluos.

Nessa lógica, o outro passa a ter a conotação de um objeto que representa e concretiza a realização de um prazer imediato e fugaz: um gozo. A busca pelo prazer insaciável submete o outro ao status de mercadoria, que logo se tornará obsoleto, ou seja, rapidamente descartável como os bens de consumo. O outro é rapidamente esquecido logo após o envolvimento oportuno. Afinal, é sempre mais fácil e conveniente buscar o novo do que consertar o antigo.

Dessa maneira, incentiva-se a busca por novas relações passageiras, por novidades, ao invés de relacionamentos duradouros que demandam esforço.

As relações estabelecidas por essa lógica do capitalismo se apresentam predominantemente como uma oportunidade de exploração do outro. São "relações vazias de sentido e significados cujos vínculos são, na maioria das vezes, frágeis, supérfluos e meramente ocasionais" (TAVARES, 2010, p. 56). A partir dessas considerações, pode-se pensar que o ser humano vive atualmente satisfazendo fugazmente suas falsas necessidades acreditando que isso é a condição necessária para o sucesso e felicidade, "talvez até para a dignidade humana" (BAUMAN, 1998, p. 56). O discurso capitalista se constitui de excessos em que o sujeito se submete na tentativa de suprir seu vazio existencial. Logo, o consumo se transformou numa compulsão em que se compra mesmo que não se precise e nem se tenha tempo para usufruir. A lógica do capitalista, assim, vem a calhar com a cultura do imperativo de gozo uma vez que as pessoas não têm que se a ver com a castração, o limitante do gozo, já que essa ideologia prega que não há necessidade de nos limitarmos. Com isso, tenta-se tampar a falta. Refiro-me àquela que constitui o sujeito desejante, através desses excessos.

Kehl (2009) sustenta que a depressão tem caráter de sintoma social, na medida em que o sujeito "sente-se culpado por não ter sido capaz de corresponder aos ideais contemporâneos". O indivíduo culpa-se por se entristecer, entristece-se por se culpar. É nesse sentido que a depressão se intensifica enquanto pathos evidenciando um sintoma social.

A partir dessas postulações questiona-se: como algo que é inerente da própria condição humana, como a tristeza, tornou-se inadequada culturalmente ou por que a nossa cultura supervaloriza os prazeres? Segundo Queiroz e Pinheiro (2006, p. 94), "essa supervalorização enuncia-se como uma via que exalta e aceita o prazer de cada um, não apenas como forma de encontro com a felicidade, mas também como uma espécie de direito adquirido".

Kehl (2009) afirma que: o que o Outro exige do sujeito contemporâneo é sempre que ele goze. E, ao contrário do que possa parecer, uma cultura regida por imperativos de gozo, "só faz tornar essa exigência, promovida a condição organizadora do laço social, ainda mais angustiante e opressiva para os sujeitos" (p. 94). Porque o sujeito não é poupado da culpa neurótica em relação ao supereu (instância psíquica que exige que o sujeito goze, ao mesmo tempo em que o proíbe de gozar).

Os antidepressivos são apresentados na contemporaneidade como uma solução rápida e eficaz. Esse tipo de tratamento químico tem justamente o efeito demandante do discurso capitalista: curar o sujeito de imediato do desajuste que o impede de produzir, consumir e

gozar. Não é por acaso que o número de pessoas que os tomam indiscriminadamente aumenta de forma preocupante. Assim, os psicofármacos, tais como os antidepressivos e até mesmo os ansiolíticos, são concebidos como pílulas mágicas da felicidade, já que auxiliam no processo de remoção de sintomas que incomodam e desadaptam a pessoa. Com a baixíssima tolerância de toda e qualquer transformação de humor, angústia, tristeza ou outro desconforto psíquico que o sujeito contemporâneo tem, é cada vez mais comum a vulgarização da depressão e consequentemente a demanda de tais recursos químicos. Para os menos afortunados, em termos de conhecimento e poder aquisitivo, as drogas se tornam também uma saída para amenizar o sofrimento e gerar uma dose maciça de bem-estar.

A depressão está tomando dimensões preocupantes por todo o mundo, evidenciando que há algo de sintomático não só no corpo humano, mas talvez em seu entorno. Fortes (2009) afirma: "hoje, aquele que não consegue ser feliz é visto como uma pessoa fraca e merecedora de culpa" (p. 1126). Na atualidade, "toda tristeza é vergonhosa, injustificada, e daqui por diante patológica" (SILVESTRE, 1999 como citado em FORTES, 2009, p. 1126). A dimensão subjetiva pede socorro por não conseguir se adequar à sociedade eufórica do gozo e do consumo.

5 CONCLUSÃO

Ao acompanhar estudos sobre a temática, é possível considerar que o mal-estar cultural e singular, gerado pelo aumento dos casos de depressão, reporta-se ao fato do sujeito depressivo resistir aos ideais postos pela atualidade.

O depressivo resiste subjetivamente à cultura do imperativo de gozo, à alienação da felicidade consumista e à temporalidade acelerada. Dimensões essas que curiosamente apontam para uma energia em alta enquanto que a raiz significante do termo depressão aponta para uma baixa.

Mas por que há um imperativo de que sempre devemos viver em alta se é justamente de oscilações que é feita a vida? Sendo assim, o sintoma está no depressivo ou na sociedade maníaca?

O padecimento e a sintomática desses sujeitos, na verdade, manifestam uma clemência por possibilidades de elaboração subjetiva e compreensão interna de sua tristeza, que é vista socialmente como vergonhosa, irritante e desnecessária. Tristeza essa que se acentua e perpetua, não raramente, por justamente não encontrar simbolização. É preciso que as pessoas se autorizem a sentir plenamente as dores: das perdas, do luto, do fracasso. Além do que, o

fato de haver um imperativo de felicidade subentendido socialmente só faz o sujeito se sentir mais culpado por não cumprir com esse ideal. Por que se a regra é ser feliz, então, a dor é um desvio? E sendo desviante ela deve ser suprimida, isto é, medicada? Por aí será que não se está dopando a subjetividade, àquela que justamente poderia nos ajudar a construir os caminhos e descaminhos para a felicidade?

O discurso capitalista com sua exigência de produtividade lança o sujeito numa temporalidade urgente contada pela medida do dinheiro. Ou seja, não basta só produzir, consumir e gozar, é necessário fazer isso o mais rápido possível para "aproveitar-se bem a vida". Mas a questão é: por que o sujeito contemporâneo tem tanta pressa? Será que é de morrer? Porque parece que é o que resta ao depressivo: morrer subjetivamente em seu vazio. Já que a pressa contemporânea não lhe permite criar um sentido de vida pautado pelo desejo.

MODERNITY: A CAUSAL FACTOR FOR DEPRESSION NOWADAYS

Abstract: This paper aims to show how depression has become every time more frequent due to modernity, which is a causal factor for the alarming number of depressive people. The arrival of new technologies has caused people to become more individualistic, relationships got more fragile and, therefore, it has caused more suffering, which often becomes a depressive disorder. This study analyses the literature that concerns modernity and depression, in order to show how their relation affect society nowadays.

Keywords: Depression; Modernity; Society.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. G. P. D. **Os destinos da tristeza na contemporaneidade:** uma discussão sobre depressão e melancolia. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer:** alienação, amor, paixão. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. .

_____ **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, J. **A psiquiatria como discurso da moralidade.** Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BOLGUESE, M. S. **Depressão & doença nervosa moderna.** São Paulo: Via Lettera; Fapesp, 2004.

CARTOLA. Preciso me encontrar. In: **Cartola 1976.** Rio de Janeiro: EMI, 1976. 1 CD.

COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, J. (Coord.). **Percursos na história da psicanálise.** Rio de Janeiro: Taurus, 1998, p.151-74.

DELOUYA, D. **Depressão.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FERNANDES, C. A. **Um furo no psiquismo:** Melancolia – Depressão. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 1999.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias:** da epistemologia a ética das práticas e discursos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUARIENTE, J. C. A. **Depressão:** dos sintomas ao tratamento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

OMS. **Organização Mundial da Saúde (World Health Organization).** Disponível em: http://www.who.int/en/. Acesso em: 22 ago. 2009.

TEIXEIRA, M. A. R. **A concepção freudiana da melancolia:** elementos para uma metapsicologia dos estados de mente melancólicos. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.